

# Mulheres invisíveis<sup>1</sup>

Lina Rosa,<sup>2</sup> Recife

## Terez(s)a

Apesar do despertador e do relógio de pulso encontrados no lixo, Tereza Cristina Galdino da Silva parece não sentir o tempo passar. Diz que tem 40 anos, mas não tem. Não sabe sua idade. Nem se o seu nome Tereza é com S ou com Z. Ao ser perguntada sobre seu estado civil, respondeu: “Eu vivo com um inquilino”. O companheiro atual é bem mais novo que ela e também trabalha com reciclagem. Gasta tudo o que ganha com bebida. Um inquilino que não paga o aluguel. Às vezes, Tereza, que nem bebe, acorda doída de dor de cabeça.



Já trabalhou no lixão. Hoje trabalha em cooperativa. Cata coisas no caminhão debaixo de sol e chuva. É disposta. Gosta quando encontra



1 Fotografias de Helder Ferrer.

2 Psicanalista em formação pela Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE).

peças educadas na rua, que dizem bom-dia, boa-tarde, obrigado. Quando alguém não compreende o seu ofício e manda Tereza trabalhar, ela responde: “Eu já estou trabalhando”.



O segundo nome da catadora é Cristina. Seus dois filhos são Cristiane e Cristiano. Tem quatro netos. Uma colcha colorida de fuxico, toalha de mesa com desenhos de flor, cadeira cor-de-rosa e bichinhos de enfeite da mesma cor. Tudo que possui em sua casa veio do lixo ou do coração. De pessoas que doam de bom grado o que não querem mais. Você se considera feliz? “Sabe que eu nem sei?”. Tereza também não sabe se Feliz é com S ou com Z.

## Cícera

Cícera Rodrigues de Moraes nunca foi a Nova York. Jamais ouviu falar em Andy Warhol. Nem teve acesso à Pop Art, a manifestação contemporânea que coloca a arte em xeque e o Kitsch na cena, reavalia conceitos estéticos, usa produto de consumo e linguagem publicitária como instrumentos de provocação, explora a colagem como recurso e mistura elementos de cores vibrantes. Reinventa.



A casa de Cícera é semelhante a uma instalação de arte pop. Reinvenção de si mesma e da realidade que a cerca. O piso, o teto e as paredes são colagens feitas com lona de publicidade, papelão e madeira encontrados no lixo. Aliás, tudo na casa foi achado nele. Ou melhor: garimpado. A catadora escolheu os objetos como quem colhe pérolas. A

cadeira-macarrão azul, a colcha de veludo vermelha, o pano de oncinha sobre o sofá verde, a bolsa de retalhos pendurada como se fosse quadro. A catadora como se fosse curadora. De arte e da dor.

Cícera já catou lixo na rua, viveu no lixão, perdeu o marido por um câncer na cabeça. Perdeu a audição. Tem dez filhos. Seis permanecem na Vila Emater. Em sua casa, mora com três netos. No meio das colagens que decoram a sala, tem um cartaz de propaganda de batom que diz assim: Leve 4, Pague 3. Depois de visitar Cícera, levamos muito mais que quatro lembranças. E jamais teremos como pagar.





## Ijanete

O tecido vermelho estendido ao vento no varal de Ijanete Aureliano dos Santos lembrava o pano de um toureiro. Toureira Janete. Assim, sem o I, como ela gosta de ser chamada. Bela mulher, enfrentou na vida uma tourada atrás da outra. Em algumas, conseguiu ouvir o coro: Olé! Em outras, foi ferida pelo chifre. Mas, em todas, segurou o touro à unha. Pintada com o restinho do esmalte encontrado no lixo.

Nascida na Região Metropolitana do Recife, Janete passou muita dificuldade em Pernambuco. Quando completou 15 anos, viajou para morar com a avó em São Paulo. Foi estuprada pelo tio. Ficou grávida. A tia obrigou a moça a tomar remédio para abortar. A avó deu muitos chutes na sua barriga. Apesar da violência, a filha nasceu. Olé! Pouco tempo depois, Janete se casou pela primeira vez. Da união, nasceu sua segunda filha. Achava que seria feliz, mas não foi. O marido tentou estuprar a enteada. Não conseguiu, mas queimou o rosto da menina. “Assim não tem como não ficar magoada. Melhor ficar só.” Voltou para o Recife. Casou pela segunda vez, também não foi fácil. Debaixo do mesmo teto, moravam o casal, as duas filhas dela e os dez filhos dele. Janete e as meninas passaram muito aperto. Decidiu se separar novamente. Deixou as meninas com os pais e

partiu para Maceió. Na capital alagoana, moravam quatro de seus dezesseis irmãos. Peregrinou de casa em casa de parente até casar pela terceira vez. Teve mais três filhos. Novamente, não foi feliz com o companheiro. “Eu catava latinhas na rua, com as crianças, pra sobreviver. Sustentava nossos filhos sozinha. Resolvi me separar.”

Catadora independente, Janete é mãe de cinco filhos e avó de três netos. Jura que não vai casar pela quarta vez. Continua linda, dona de um sorriso largo e confiante. Tem certeza de que dias melhores virão. Chama o barraco onde vive de palácio. “Porque é meu.” A casa não tem água nem esgoto. Mas é cheia de coisa bonita que ela trouxe do lixo. O lençol encarnado, o arranjo de flores desidratadas, as panelas areadas no capricho, as lingerie, o charmoso vestido de malha listrado em verde, branco, laranja e preto, o estiloso chapéu de abas largas, as sandálias cor de rosa-choque. Por isso, não provoque.

Lina Rosa

linarosa.anil@gmail.com

